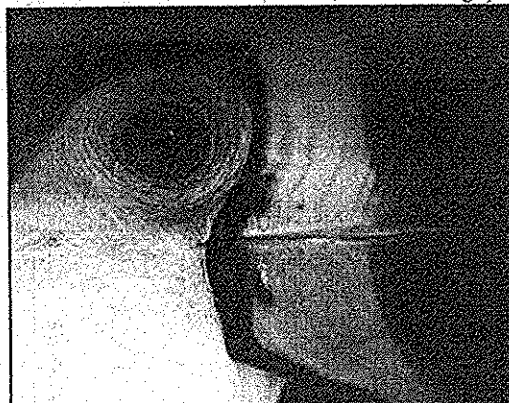


Tesouros da Amazônia em fotos do Jaú

Fotos de divulgação



O fotógrafo José de Paula Machado há dois anos participa de uma cruzada pela divulgação das formas, cores e histórias da Amazônia. Lançado no último dia 8, o livro *Parque Nacional do Jaú* tem fotos de José e textos do presidente da Funarte, Márcio Souza, e é o segundo de uma trilogia sobre a bacia do Rio Negro iniciada em 96 com *Anavilhanas – o jardim do Rio Negro*.

Antigo explorador do continente brasileiro – com 15 livros sobre o país publicado – José se engajou no projeto com o objetivo de mostrar uma Amazônia inóspita, de difícil acesso e quase inabitada. “Pode ser um grão de areia, mas tenho uma missão de divulgar nossos tesouros”, afirma ele. Foram quase dois anos de gestação e seis viagens à Amazônia para produzir a luxuosa edição bilíngue, de 160 páginas, toda em papel *couché*. “A elaboração custa muito esforço. Não é só uma viagem e pronto”, explica o fotógrafo, que é formado em economia pela PUC e hoje dirige a editora AGIR.

“Escolhemos para a trilogia, os pontos mais bonitos do Rio Negro: Anavilhanas, o Parque Nacional de Jaú e o Parque do Pico da Neblina”, explica José, já envolvido com o próximo projeto. As dificuldades de concretizar a segunda parte da “saga do Rio Negro”, como ele define a trilogia, foram muitas. Sem hotéis ou pousadas onde se hospedar, a equipe do fotógrafo, composta por 12 pessoas, teve que dormir em barcos e cabanas improvisadas no meio da selva. “Nosso único apoio era uma estação do Ibama, a 70 km de distância, e alguns moradores que atuavam como guias”, conta José. Um dos episódios mais difíceis enfrentados pelo fotógrafo foi uma queda, em uma cachoeira pedregosa, que abriu um rasgo enorme em sua perna. “Não tínhamos como obter ajuda médica e o rio por onde eu estava andando era infestado de piranhas”, lembra.

A experiência com os livros anteriores, segundo José, foi fundamental para a feitura de *Parque Nacional de Jaú*. “Não existe escola para isso, tem mesmo é que aprender fazendo. Hoje sei que quando vejo uma nuvem a 3 quilômetros, lá vem dilúvio”, explica.



No alto, o *tucano-de-peito-branco*. Acima, o homem carrega o fardo de *cipó-tiita* descascado e amarrado